

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

... a leitura é uma prática social, que se realiza em contextos culturais e históricos específicos. Ela não é apenas um ato individual, mas um processo coletivo que envolve a interação entre o leitor e o texto, e também entre os leitores e o mundo. A leitura é uma forma de conhecimento que nos permite compreender o mundo e a nós mesmos. Ela é uma ferramenta essencial para a formação crítica e a participação cidadã. Portanto, é fundamental que a leitura seja promovida e incentivada em todas as esferas da sociedade, desde a escola até a comunidade. A leitura é um ato de resistência e de transformação. Ela nos dá a capacidade de questionar o status quo e de lutar por um mundo mais justo e equitativo. É por isso que a leitura é tão importante para a construção de uma sociedade democrática e pluralista. Vamos continuar a promover a leitura e a cultura em todas as instâncias, para que todos tenham acesso a esse bem precioso que é o conhecimento. A leitura é o caminho para a liberdade e a autonomia. Ela nos dá a capacidade de pensar por nós mesmos e de tomar decisões conscientes. É por isso que a leitura é tão importante para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Vamos continuar a promover a leitura e a cultura em todas as instâncias, para que todos tenham acesso a esse bem precioso que é o conhecimento. A leitura é o caminho para a liberdade e a autonomia. Ela nos dá a capacidade de pensar por nós mesmos e de tomar decisões conscientes. É por isso que a leitura é tão importante para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Vamos continuar a promover a leitura e a cultura em todas as instâncias, para que todos tenham acesso a esse bem precioso que é o conhecimento.

LIVROS E AUTORES: GARIMPAGENS DE LEITURA

José E. Mindlin
Bibliófilo e empresário

Vocês têm diante de si uma pessoa que sofre um problema patológico: uma compulsão de comprar livros, de reuni-los, e até lê-los... Isso me preocupou durante um certo tempo, mas depois verifiquei que é uma doença que faz sentir bem, em vez de sentir mal, e que é incurável, mas não mata ninguém. Deixei então de me preocupar.

Comecei muito cedo, mas não saberia dizer qual foi realmente a motivação. Acho que foi curiosidade. Eu cresci num ambiente cultural, e meu pai gostava de artes plásticas. Creio que herdei esse interesse, mas mais dirigido para os livros. Ele e mamãe tinham vindo da Rússia, e lá em casa, havia, além de uma razoável biblioteca, uma coleção de quadros. Naquele tempo, em São Paulo, era muito pequena a colônia russa. Os artistas que vinham tocar, cantar, ou dançar em São Paulo, na maioria russos, eram recebidos quase sempre lá em casa: a Ana Pavlova, por exemplo, foi amiga nossa. O ambiente era de estímulo à curiosidade. Papai tinha facilidade em encontrar quadros e desenhos de pintores, em identificar bons pintores, e creio que tenho essa espécie de sexto sentido em relação a livros raros.

Aos 13 anos comprei, num sebo de São Paulo – mas eu não saberia dizer por que andava nos sebos – um exemplar do *Discurso da História Universal*, de Bossuet, numa edição de Coimbra de 1740, algo que me fascinou. Eu achava que a idade dos livros era uma coisa importante. Depois aprendi que não é. Há muito livro do século XVI sem a menor importância, e muita coisa contemporânea que é extremamente importante.

Naquela hora comprei o livro, e até devo ter impressionado o livreiro, porque uns trinta anos depois eu o encontro e digo: "ó Freitas, você sabe que o primeiro livro raro que eu comprei, foi da sua mão?" "Claro que lembro, foi um Bossuet marronzinho, pequeno assim". Ele deve ter ficado muito impressionado que um menino de calças curtas (naquele tempo, só se punha calça comprida aos quatorze, quinze anos; era sinal de maturidade) comprasse um livro desses. Devo confessar que esse livro eu não cheguei a ler.

Foi no ano seguinte que li a *História do Brasil* do Frei Vicente Salvador, com notas do Capistrano de Abreu e do Rodolpho Garcia. Ganhei de presente de aniversário, li, fiquei fascinado, e peguei a bibliografia, que tinha todas as obras sobre o período holandês, obras do século XVIII, coisas sobre o Brasil. Escrevi para uma porção de livrarias, perguntando pelos livros, mas as obras que eu procurava já naquela época eram raridades. As-

Assim mesmo, recebi uma resposta da Livraria Alves, do Rio, que tinha um exemplar da edição brasileira da *História do Brasil* de Southey, em seis volumes, impressos em 1862, e papai me fez presente dessa coleção. Aí resolvi começar uma Brasileira, quer dizer, não era propriamente um projeto de Biblioteca, mas uma tentativa de reunir livros sobre o Brasil. Hoje a maior parte daqueles livros está lá em casa.

Temos os primeiros viajantes do século XVI, o Hans Staden, o Jean de Lery, o André Thevet, temos a *Viagem* de Debret, o Montalbodo, de 1508, primeiro livro que se refere à viagem de Cabral, e boa parte dos livros do período holandês. Fui conseguindo encontrar bastante coisa, mas eu tinha um problema – não queria pedir dinheiro a meu pai para comprar livros que não fossem de estudo, e nós não tínhamos mesada, não havia ainda esse hábito. Eu corria os sebos, sem ter dinheiro para comprar, mas fiz uma observação: cada dono de sebo em São Paulo vivia na sua toca, e não sabia o que o outro tinha. Um vendia por 50 o que o outro vendia por 5, e este vendia por 50 o que o primeiro vendia por 5. Eu então comprava de um livreiro um de 5 e levava para o outro, dizendo: "Vou deixar isso em consignação com você. Não quero ver dinheiro, cobre a sua comissão e me credite a diferença". Depois de uns seis meses, eu tinha crédito em todos os sebos de São Paulo. Conseguia assim comprar livros sem precisar desembolsar ou pedir dinheiro.

Foi nessa ocasião – eu devia ter uns 15 anos – que encontrei, por exemplo, um exemplar da primeira edição de *Phalenas*, de Machado de Assis, com dedicatória de Machado ao Latino Coelho. São acasos que fascinam. E assim comecei, comprando principalmente literatura brasileira e francesa (sou muito mais velho do que todos aqui na sala, do tempo da grande influência francesa, de modo que lia muito em francês).

Nos anos quarenta, um amigo me sugeriu que fizessemos uma livraria de livros raros. Seria uma oportunidade de *pescar no viveiro*, uma ocasião de importar obras. "Ótimo, só que eu não tenho dinheiro, e você também não". Ele disse: "É verdade, mas eu tenho um primo que está disposto a dar o dinheiro necessário". Assim surgiu a *Livraria Parthenon*, de São Paulo. Não sei se algum de vocês conheceu essa livraria. O primo do meu amigo pôs quinhentos contos, cada um de nós tomou emprestado cem contos, e eu fiz uma viagem de três meses à Europa para formar um estoque, comprando uns 2.000 livros. Quando chegavam os pacotes, era um prazer. Trabalhava conosco uma mocinha, que depois foi professora de literatura da USP, Marlyse Meyer. Nós três abríamos os pacotes que chegavam da Europa, com uma alegria enorme, mas quando se vendia um livro, era uma tristeza. A gente era obrigada a vender, por uma questão moral, porque o terceiro tinha posto muito dinheiro, mas aí eu dizia ao comprador: "Se algum dia você quiser vender qualquer livro, não venda sem falar comigo", e, nos quinze ou vinte anos seguintes, consegui recomprar a maior parte dos bons livros que tinham passado pela livraria.

Tenho muitas dessas histórias, bem pitorescas, mas não dá para ficar contando. Quem me ajudou muito na formação da Brasileira foi o Rubens Borba de Moraes, o maior conhecedor de livros raros sobre o Brasil, que

era como um irmão mais velho meu, muito amigo, e Luiz Camillo de Oliveira Neto, um erudito mineiro. Foi ele quem reeditou o *Catecismo Kiriri*, do Mamiani, de que só havia dois ou três exemplares conhecidos. Encontrou um em Roma, e fez uma edição fac-similar. Depois eu achei um exemplar da edição original.

Isso era acompanhado de leitura – um detalhe, eu não li o Bossuet, mas do resto, li bastante... – e na formação da Biblioteca o contato com o livro sempre foi muito importante. Eu lia na Faculdade de Direito, porque os professores liam suas preleções em cinquenta minutos, que eu em casa lia em quinze – eles, aliás, só liam as preleções, não davam aula. Eu sentava no fundo da sala, e tinha duas ou três horas de leitura por dia. Quando meus filhos eram pequenos, eu os levava para a escola, saía de casa com eles às dez para as sete, chegava à escola sete e dez, encostava o carro embaixo de uma árvore, e ficava lendo até as quinze para as nove. Depois é que ia para o escritório. Continuo sempre com um livro na mão. Enguiço de trânsito nunca me aborreceu, porque eu leio o que levo no carro. É a soma dos pequenos períodos que sempre me permitiu ler. É claro que se alguém chega lá em casa e pergunta: "O senhor já leu tudo isso?" A resposta é: "Não, isso está aqui mais por questão decorativa".

Criei um sistema de testar visitantes lá em casa. Digamos, a Biblioteca estaria na minha frente, eu sentado numa poltrona, com um sofá à minha direita, e a Biblioteca do outro lado. Vem uma pessoa que não conheço, faço sentar nesse sofá, e se ela passa meia hora conversando comigo sem olhar para o outro lado, o dos livros, perdeu interesse para mim. É um bom teste. É verdade que algumas pessoas não olham os livros por timidez, mas a gente percebe quando alguém está impaciente, querendo olhar e não tendo coragem. Aí se fica à vontade.

Quando comecei a comprar mais livros, foi numa época em que eu e Guita, minha mulher, que está aí com vocês, estávamos namorando. Eu comprava livros, levava para a casa dela, deixava lá, pondo-os assim a salvo de possíveis apropriações familiares... De modo que quando nós casamos, o primeiro móvel que compramos foi uma estante. Depois, formar a biblioteca foi uma coisa que a vida inteira fizemos juntos. Ela também gosta de livros, não tem o mesmo problema patológico, mas gosta. E não é só isso – eu gosto de ler poesia em voz alta, e ela gosta de ouvir. É uma sorte essas coisas acontecerem.

Classifico a Biblioteca de indisciplinada, porque considero que o livro é feito para a gente e não a gente para o livro. Sendo assim, o critério principal de formação de uma biblioteca particular é o interesse que a pessoa tem. Não se pode seguir regras rígidas. Tem de ser assim, e não deve haver preconceito. Mesmo quando a gente, quando moça, leia coisas sem importância, que não servem para nada, desde que criem o hábito da leitura, prestaram o seu serviço. Depois a pessoa vai refinando.

Eu trouxe comigo uma palestra que fiz num simpósio na USP, sobre usos da leitura, em que o tema que me foi dado era o leitor comum – não no sentido pejorativo, mas de *não especializado*. É o meu caso, sou muito mais um generalista. Se vocês quiserem cópias, encontrarão algumas in-

formações que mostram como eu fui formando a Biblioteca, e uma razoável enumeração de autores que tenho lido nestes anos todos, e de quem até hoje gosto. Se começar a falar de autores, este papo, que já corre o risco de ser longo, certamente irá longe demais.

Naquela viagem de formação do estoque da Parthenon, em 1946, conheci Guimarães Rosa, que estava na delegação do Brasil na Conferência da Paz. Todos os dias nós corríamos, de manhã, livrarias de Paris. E voltei para São Paulo sem suspeitar que o Guimarães Rosa fosse escritor, pois nada nas nossas conversas indicava isso. Pelo contrário, o que dele conheci me levou à conclusão de que era um homem de dupla personalidade, com o imenso talento que hoje conhecemos, mas, por outro lado, com evidente vaidade e muita futilidade, ostentando sempre, por exemplo, uma caprichada gravatinha borboleta. Mas era muito simpático, e fizemos ótima camaradagem. Só que, quando voltei, tinha saído *Sagarana*, premiado pela Academia Brasileira de Letras. "Eu não vou ler esse livro, não deve ser bom". E só fui ler Guimarães Rosa dez anos depois, quando saiu *Corpo de Baile e Grande Sertão*. Ai, foi paixão para o resto da vida. Eu resisto a *best-seller*, mas, se tenho vontade de ler, leio, não tenho preconceito. Coisas que em geral se lêem na mocidade, como, por exemplo, Alexandre Dumas ou Victor Hugo, só fui ler depois de sessenta anos, e saboreei imensamente. Quando, em 75, eu estava assumindo a Secretaria de Cultura de São Paulo, veio um repórter e perguntou: "O que o senhor está lendo?" "Estou lendo os *Três Mosqueteiros*, e vi que ele estranhou. O Secretário de Cultura lendo *Os Três Mosqueteiros*, subliteratura? Está longe de ser subliteratura! Essas coisas são engraçadas, a gente não pode ter preconceitos. Assim mesmo, se alguém me perguntar se tenho os livros de Sarney na Biblioteca, vou dizer que não. Mas não é preconceito.

Tenho tido com os livros prazeres que Eliane (Vasconcellos), que também está aí, conhece bem. O Plínio Doyle, por exemplo, que é um grande amigo meu, com quem a gente tem rivalidades muito amigas, um dia me telefona para saber se eu tinha determinado livro. Eu respondi que não e ele disse "Ah, ganhei meu dia". Deixei passar meia hora, e telefonei de volta: "Você tem tal livro?" "Não, não tenho." "Então, empatamos."

A formação de uma biblioteca tem esses aspectos bastantes leves, de prazer. Nos sabadoyles, a gente teve encontros ótimos. Preciso dizer que "sabadoyles" eram reuniões de escritores, leitores, e amigos de livros em geral, que o bibliófilo carioca Plínio Doyle promovia todos os sábados em sua biblioteca, e ainda promove até agora, mesmo a biblioteca estando na Fundação Casa de Rui Barbosa. Foi então que fiquei amigo do Drummond e lhe disse uma vez que queria fazer uma edição de arte de um texto dele, mas que fosse inédito. E ele disse: "Olha, de inédito eu não tenho nada expressivo, mas estou trabalhando em um poema sobre um episódio que me impressionou a vida inteira. Se conseguir terminar, mando para o senhor." (Naquele tempo nós nos tratávamos de senhor). E três meses depois, eu recebo um envelope: "promessa cumprida, aí vai o texto." O tema era a visita que Mário de Andrade, em 1919, fez ao Alphonsus de Guimarães em Mariana. É uma beleza, e eu fiquei discutindo com ele durante quase seis

meses como ia ser o livro, porque o Drummond também gostava de arte gráfica. Discutíamos os tipos, eu queria usar Bodoni, o formato, a ilustração. Esta foi um problema, porque o barroco não tinha nada a ver com o texto, e simples fotografia não tinha muito interesse. Guita e eu fomos com a Maureen Bisilliat, a grande fotógrafa de São Paulo, passar uma semana em Ouro Preto e Mariana, entrando nas casas, perguntando se tinham álbuns de família, para ver se vinha alguma idéia. De repente a Maureen se abaixa, e pega umas pedrinhas no chão. "A pedra é a essência de Minas. Vamos fazer macrofotografia dessas pedras." E ficou sendo a ilustração do livro. Depois levamos mais seis meses fazendo o livro, Drummond acompanhando.

Ontem, eu estava conversando com Marisa (Lajolo), que também está aqui, lembrando disso: uma linha que não cabia. Telefonei para o Drummond: "Olha, não dá, essa linha não cabe, vou ter que quebrar." "Ah, não, não pode quebrar. Não gosto de linha quebrada." "Eu também não, mas então teremos que fazer o livro oblongo." "Não gosto de livro oblongo." "Também não gosto, mas então o jeito é mudar a linha." E ele mudou. Essas coisas estreitaram nossa amizade. Ai já nos tratávamos de "você", o que é, aliás, uma história engraçada. Eu tinha pensado inicialmente numa artista de São Paulo, muito amiga nossa, a Renina Katz, para fazer a ilustração do livro. Ela ficou com muita pena, mas, achando que o trabalho dela não tinha nada a ver com o poema, escreveu uma carta para o Drummond, agradecendo a lembrança e explicando por que não podia fazer a ilustração. E escreveu tratando-o de você. Quando eu vi essa carta, telefonei para o Drummond e disse: "Drummond, se a Renina trata você de você, eu também vou tratar." E ficamos realmente bons amigos.

Um dia, eu estava sozinho em casa – Guita estava na fazenda – peguei um gravador, li em voz alta *A Visita*, e gravei. Telefonei para ele e disse: "Olha, acabei de ler a poesia. Você gostaria de ouvir?" "Gostaria muito, mas não tenho gravador." "Quando eu for ao Rio, levo um gravador." Levei, fomos lá para o escritorzinho, no fundo do apartamento, e se repetiu, de certa forma, a cena da visita de Mário de Andrade ao poeta. Ele ficou ouvindo, se emocionou, e, quando terminou, me disse: "Você sabe que eu até que estou achando esse poema bonito?" É uma beleza mesmo. A edição que eu fiz, de 125 exemplares, está esgotadíssima, mas o Banco de Boston fez uma edição fac-similar, e, se eu ainda tiver um exemplar, mando aqui para a biblioteca da Faculdade. Mas o poema foi incluído na edição de *A Paixão Medida*.

Bom, se alguém me perguntar o que é um livro raro, como é que se sabe que é raro, fico meio atrapalhado, porque isso é das coisas que a gente sabe, mas não dá para explicar. Pode ser pela escassez, pelo interesse do texto, pelo fato de ser primeira edição, ou, quando não é a primeira, por ser uma edição revista pelo autor. De *O Guarani*, por exemplo, as quatro primeiras edições foram revistas por Alencar, então obviamente as quatro são importantes.

Uma coisa eu aprendi: é uma ilusão ter um mau exemplar. Um exemplar defeituoso, que não esteja em bom estado, eu sempre preferi não

ter. A não ser coisas de excepcional raridade, em que a gente aceita um exemplar ruim pra substituir no caso de encontrar outro. E se não encontrar, teria sido uma boa razão para comprar aquele. Mas em geral eu procuro ter exemplares em bom estado, e, por isso, a Biblioteca toda, de um modo geral, está em boas condições.

Mas houve um caso, o da primeira edição brasileira de *Marília de Dirceu*, que é extremamente rara, uma das maiores raridades de nossa literatura, de que se conhece uns quatro ou cinco exemplares. É uma edição da Imprensa Régia, 1810, e todos os exemplares conhecidos estão em mau estado. O Rubens Borba de Moraes procurava-a a vida inteira e eu também. E eu dizia para ele: "Se eu um dia encontrar *Marília*, não vou contar para você, porque você pode ter um enfarte." Pois um dia, recebo um telefonema da Leticia Mallard, a escritora mineira que vocês devem conhecer, que queria vir bater um papo em casa. Eu disse logo: "Venha, traga a sua mala (ela ia embora naquele dia), depois levo você para o aeroporto." "Não posso, eu estou com o Prof. Wilton Cardoso, tenho que voltar ao hotel." "Ora essa, traga o Wilton Cardoso também." Chegaram então lá em casa, ele começa a olhar as estantes, e vê a primeira edição de *Marília*, edição portuguesa, de 1792, e me pergunta: "Você tem a edição brasileira?" "Não, essa não existe!" "Pois eu tenho." "Aí começou aquela história, de ver se queria trocar. Não sei se estava fazendo um pouco de gênero, mas não quis ter conversa de troca. Pouco depois ele me pergunta se eu tinha o *Cancioneiro da Ajuda*." "Tenho a edição da Carolina Michaelis, e do Varnhagen, e tenho a edição do Lord Stuart, feita em 1823, na Embaixada em Paris, numa tiragem de 25 exemplares." "Essa eu também tenho." "Espera aí, você veio aqui para me esnobar? Então vou lhe mostrar uma coisa que você não pode ter." Era o manuscrito que Lord Stuart tinha mandado fazer para publicar a edição dos 25 exemplares, e que eu um dia vi em um catálogo de leilão de Londres, e comprei. Aí ofereci: "Quer trocar?" "Não, não me fale em troca. Quando você for a Minas, vê o livro." Isso foi uma quarta-feira. Digo sempre que "por acaso", no sábado, eu estava em Belo Horizonte. Fui à casa dele, e, conversa vai, conversa vem, ele disse: "Olha, eu não tenho muita raridade não. É por puro acaso que eu tenho esses livros mais raros. Minha biblioteca é uma biblioteca de trabalho" – e era mesmo, uma excelente biblioteca. Mostrou então a *Marília*, também em mau estado. Como a Leticia me tinha dito para não falar mais em troca com ele, pois ele não queria saber disso, não falei nada. Mas aí ele pega o livro e diz assim: "A sua mulher é restauradora, não é?" "É, sim." "Então você leva esse livro e vê se ela consegue restaurar. Se ela conseguir, o livro é seu. Mas não é troca, é presente meu. Se quiser me dar alguma coisa, você me dá, mas não tem obrigação nenhuma." Cheguei em São Paulo, peguei o manuscrito do *Cancioneiro*, mandei para ele. Os dois ficamos felizes e amigos. Naturalmente, isso só foi possível porque a Guita conseguiu restaurar o livro.

Essas aventuras todas de formação de bibliotecas são o que faz a coisa gostosa. A gente tem que ter amor ao livro. Existem bibliotecas que são formadas por assessores ou agentes compradores – como vocês sabem,

para muita gente é importante ter uma biblioteca – e às vezes as bibliotecas são até boas, mas com as quais as pessoas não convivem. Conheço gente que tem algumas obras muito raras num cofre de banco. Que sentido tem guardar assim, não viver com os livros?

Eu disse que a Biblioteca é indisciplinada, mas ela tem uma certa lógica, não é uma simples acumulação de livros. Tem algumas vertentes. A principal é de livros sobre o Brasil, incluindo nisso literatura, história, viagens, estudos sociais. Basicamente é isso. Depois, quando a Biblioteca chegou a um volume que levou à idéia de fazer-se lá também um centro de estudos para facilitar a pesquisa, entraram outros temas, como história natural, que antes eu não tinha. Há algumas coisas antigas de medicina, para pessoas que vêm de fora estudar no Brasil. Temos revistas, e aí também sempre houve a amistosa rivalidade com Plínio, embora a coleção de revistas dele fosse absolutamente extraordinária. Mas outro dia nossa bibliotecária esteve em casa do Plínio e diz que ele ficou espantado quando viu a lista das revistas que nós temos – o que já não é mau...

Devo dizer que isso tudo acontece num espírito realmente de grande camaradagem. Vocês conhecem a história da *Iracema*, a da ata do sabadoyle? Num dos sabadoyles, o Plínio contou que tinha aparecido um exemplar da primeira edição de *Iracema* num leilão, e que ele havia mandado o Olympio, que o ajuda na biblioteca, com o limite de duzentos mil cruzeiros para comprar o livro. Naturalmente, não comprou. (Naquele dia, eu fiz a ata – que cada vez um dos presentes fazia.) Eu então pus na ata que o anfitrião tinha contado a história da *Iracema*, e que o que ele contou "mostrou que tinha muito mais amor ao vil metal do que à virgem dos lábios de mel". Ele achou muito ruim, mas eu tinha feito de propósito, brincando, porque tinha uma duplicata dessa primeira edição, e quando cheguei em São Paulo, mandei-a para ele de presente. Aí então ele se reconciliou com a ata.

Manuscritos eu não tenho muitos, mas há alguns bons, como, por exemplo, o do *Serafim Ponte Grande*, que Oswald de Andrade dá como versão "provisoriamente definitiva", de 1928. O livro só saiu em 1933 e no frontispício ele escreveu: "na Fazenda Santa Tereza do Alto, com Tarsila e a felicidade" lá na letreirinha dele. Depois ele se separou, e acrescentou a lápis: "a besteira" Outro manuscrito é o *Banguê*, do Lins do Rego. A Sônia (van Dijk), que aí está, tem microfilme dele. É uma letra em que a gente fica com pena do tipógrafo, porque não há um espaço livre, nem margens. Temos também um exemplar datilografado do *Itinerário de Pasárgada*, mas com correções do Bandeira, anteriores à publicação, de modo que também pode ser considerado um original.

Temos ainda o *Louco do Catí*, que é uma beleza, com um mapa com todo o itinerário desenhado e anotado à mão. É uma beleza de manuscrito. E temos – vocês vão me desculpar – o *Olhai os Lírios do Campo*. Aí o jeito é vocês, como gaúchos, terem a atitude de que tudo é Brasil... Mas eu também não poderia esconder, não é mesmo?

O Oswald de Andrade era um sujeito muito engraçado – eu, aliás, tive mais contato com ele do que com Mário de Andrade. Mário esteve

uma vez em casa, discutindo arte com papai – papai era autodidata, mas com uma formação acadêmica de pintura contemporânea. Depois passou a se interessar pelos flamengos e holandeses, mas morreu muito moço, de modo que não chegou ao modernismo. Assisti então a uma discussão dele com Mário de Andrade sobre a obra do Segall, pintor que, apesar de amigo, meu pai não chegou a apreciar. E hoje, no entanto, Segall é um dos pintores que eu mais admiro. Lembro, assim, do Mário de Andrade por coisas como essa, mas não tive com ele o contato que tive com o Oswald de Andrade.

Do Oswald, nós temos um exemplar da primeira edição do *João Miramar*, o primeiro saído do prelo, com uma dedicatória autógrafa: "para a pintora da capa, o exemplar *princeps*, Oswald", e a data de 18 de junho de 1924. Três páginas adiante, outra dedicatória: "Para as mãos reais de Dona Olívia Guedes Penteadado, esse volume pobre, Oswald", com a mesma data. Eu imagino que Dona Olívia, que era a protetora dos modernistas, passou em casa deles, ele só tinha aquele exemplar, pegou e deu para ela. E, de repente, eu o compro num leilão!

Um manuscrito interessante que temos lá em casa são os *Diários da Condessa do Barral*. A Condessa foi professora dos filhos de D. Pedro II e teve, obviamente, um longo caso com ele. Eu consegui comprar em Paris, de um neto dela, 29 cadernos manuscritos e umas quase trezentas cartas de D. Pedro para ela. Eram cartas muito discretas, mas D. Pedro escrevia todos os dias umas linhas, e, quando partia o navio, ia a carta. Tratava D. Pedro de você, o que é mais ou menos significativo. Ela mandava os cadernos para D. Pedro, que anotava coisas a lápis. Há uma passagem em que ela diz: "Estive ontem em tal lugar, não sei se você se lembra que estivemos lá juntos." E lá está a notinha de D. Pedro: "Ó, se me lembro, e como!" É pelo menos suspeito, não é mesmo?

Estou me excedendo um pouco. Estava falando de vertentes da biblioteca, mas só falei da primeira, que era de livros sobre o Brasil. É que, quando começo a falar em livros, não paro mais. Vocês vão ter que ter paciência. A outra vertente é de literatura geral, francesa, inglesa, portuguesa, italiana, alemã, russa, e até chinesa e japonesa, enfim, literatura universal. Latim, eu sabia, mas esqueci a maior parte do que aprendi. Assim mesmo, dá para entender. Com o grego eu sempre sonhava, mas não consegui aprender. Devo dizer, aliás, que autores em russo, alemão, latim ou grego (e chinês e japonês...), leio em tradução. Na vertente de literaturam, leio muito ficção, contos e crítica literária.

A terceira vertente é dos livros de arte. Mas aí eu tenho mais interesse pela parte iconográfica, do que pelos textos. Acho que o texto do crítico de arte muitas vezes vai longe demais na análise. Disseca as coisas, e a beleza começa a desaparecer. Um pouco como música comentada. Mas, em todo o caso, a biblioteca de arte tem coisas expressivas. E, finalmente, a outra vertente é sobre o livro em si, como objeto de arte, pela composição, tipos, ilustração, paginação, formato, ou encadernação. Por encadernação, aliás, nunca cheguei a me apaixonar; sempre considerei – os colecionado-

res de encadernação acham que é um absurdo – que encadernação é acessório do livro. Para muita gente, no entanto, é o que importa.

Nessa vertente, nós procuramos ter bons exemplos de tipografia desde o século XV até nossos dias. Temos um *Livro de Horas* manuscrito, bom, do século XV, com 14 miniaturas, encadernação da época, em estado excepcional. Temos três incunábulo. Depois, do século XVI, XVII, XVIII, há muita coisa. A primeira edição completa do Montaigne, dos *Essaios*, a primeira do Proust, a primeira de Baudelaire, e das *Illuminations* de Rimbaud. Em matéria de literatura francesa existe bastante coisa, ao passo que de literatura inglesa temos pouca coisa em edições raras. É uma falha, mas também não dá para a gente abraçar o mundo. Há muita coisa de literatura inglesa, mas em edições mais ou menos correntes.

Parece-me que seria interessante falar um pouco sobre traduções, dedicatórias, manuscritos, e sobre o tipo de aventuras que acontecem no campo da ganimpagem. No século passado, grandes escritores no Brasil viviam de tradução. *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo, por exemplo, foi traduzido por Machado de Assis. Trata-se, aliás, de um livro de uma extrema raridade, que eu procurei a vida inteira e do qual só no ano passado consegui um exemplar, que ganhei de presente do Pedro Correa do Lago, colecionador e livreiro. Justiniano José da Rocha traduziu *Os Miseráveis*, também de Victor Hugo, que foi publicado no Maranhão, em 1862, o mesmo ano da edição original francesa. Do primeiro livro publicado pelo Machado, *Desencantos*, temos um exemplar com dedicatória dele ao Salvador de Mendonça, outra figura ilustre, que traduziu dezenas de romances franceses. Salvador de Mendonça, Alencar, Francisco Otaviano, todos eles formavam um grupo... Outro livro raro que também é quase impossível de se conseguir, são os *Cantos de Selma*, um trecho dos *Cantos de Ossian* de McPherson, traduzidos por Francisco Otaviano. Foi feita uma tiragem de apenas sete exemplares, um para Dona Eponina Octaviano, um para Francisco Otaviano, um para José de Alencar, etc. Pois de repente eu consigo o exemplar que foi de Alencar. São coisas que não se sabe como acontecem.

Em matéria de raridades em literatura, a gente aos poucos foi conseguindo coisas que pareciam impossíveis. Da primeira edição do *Guarani*, por exemplo, só se conhecem três exemplares, um na Biblioteca Nacional, um no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e o terceiro lá em casa. Esse exemplar, aliás, tem história. Foi oferecido no Rio por um grego, que pedia, se não me enganou, mil dólares, mas nenhum colecionador de lá se animou a comprar. Eu não soube da história, e, quando soube, o grego já tinha ido embora, o que me levou a dizer aos amigos que eles estavam malucos, pois, em casos como esse, "a gente vende um terreno e compra o livro". A primeira edição do *Guarani* praticamente não existe. Bom, eu fiquei quinze anos atrás do grego e um dia aparece o catálogo de um leilão na Inglaterra, com o livro. Mandei um telegrama para um livreiro amigo, pedindo para comprar *O Guarani*, mas sem dar limite de preço, pois imaginei que em leilão não alcançaria preço alto. Um amigo meu do Itamaraty, Carlos Augusto Santos Neves, disse-me, aliás, que tinha

sido uma loucura não dar limite. "Ué, qual é o problema?" "O problema é alguém mais também dar uma ordem sem limite." Mas o que aconteceu não foi isso. Eu, na minha impaciência, telefono para o livreiro e pergunto quanto ele acha que o livro vai alcançar. "Umás vinte libras." "Olha, provavelmente mais, mas eu quero comprar." No dia do leilão, eu estava em Nova Iorque, e telefono para ele perguntando por quanto tinha comprado. "Ah, não comprei, porque eu tinha falado para você em vinte libras, de modo que, quando chegou em sessenta eu parei, pensando que você poderia ficar aborrecido." "Bem, aborrecido, estou agora." Mas, na realidade, o livro não foi vendido. Era o exemplar do grego, que, não tendo comprador, o retirou do leilão.

Em 1977, houve outro leilão, desta vez em Paris, de uma biblioteca que saiu clandestinamente do Brasil. Era fabulosa, de poucos volumes, mas muito bons. E a Guita me disse: "Por que você não vai a esse leilão?" Hesitei um bocadinho, mas acabei decidindo ir. Como vocês vêem, ela é que me faz comprar os livros... Tomada a resolução, no dia seguinte recebo um convite da Air France para um vôo inaugural de Buenos Aires a Paris. Fui levado a Buenos Aires, e de lá para Paris. Chegando lá, o Walter, da Livraria Kosmos, me diz: "Tenho uma surpresa para você. O grego está aqui, *O Guarani* está comigo, você se entenda com ele, pois não tenho nada com isso, não quero ganhar nada, mas eu segurei o exemplar para evitar que acontecesse alguma coisa." A luta com o grego foi uma epopéia, mas acabei comprando.

Fiquei com o livro no colo quando estava na Europa, e, no último dia, ainda fui a Stuttgart, para ver a biblioteca da Fundação Bosch, que é uma excelente Brasileira. De lá fui direto ao aeroporto, em Paris, um bocadinho cansado, e dormi durante a viagem. No avião do Rio para São Paulo, disse com meus botões: "Deixe dar uma espiada no *Guarani*". Abro a pasta e *O Guarani* não estava! Eu devia ter aberto a pasta meio sonado, e o livro deve ter escorregado. Chegando em casa, disse à Guita: "Sabe o que eu comprei em Paris?" "Não." "O *Guarani*!" "Não diga!" "É, mas já o perdi." Mas deixei marcado na Air France o lugar onde eu estava, e, três dias depois, uma aeromoça conhecida de minha filha telefona e diz: "O livro está no balcão da Air France, pode vir buscar." E lá fui eu buscar *O Guarani*. Essa é mais uma, de muitas histórias...

Da primeira edição da *Moreninha*, só se conhecia, até uns trinta anos atrás, um exemplar, e com esse livro, de que consegui um exemplar por mais um dos milagres que me acontecem, também tive rivalidades amigas, não só com o Plínio Doyle, como também com a Biblioteca Nacional, que não o possui. É que, quando a gente tem um livro que a Biblioteca Nacional não tem, é uma glória, pois a Nacional tem muito mais coisas que a gente não tem, do que o contrário. Devo mencionar também a primeira edição do *Mulato*, publicada em 1881, no Maranhão, e que o Olytho Moura, grande livreiro e conhecedor, considerava tão rara quanto *O Guarani*. Pois consegui em Portugal um exemplar com dedicatória do Aluizio de Azevedo ao Raphael Bordalo Pinheiro, por mil e duzentos escudos.

Essas pechinchas são importantes, porque quando vejo um livro caro, lembro daqueles que comprei barato, tiro a média e compro com a consciência mais tranqüila. Foi assim que, no correr dos anos, consegui ter, entre muitas outras coisas, *O Guarani*, a *Moreninha*, os *Cantos de Selma*, os folhetos do Machado, que são raros, especialmente o *Quase Ministro*, que pertenceu ao Astrogildo Pereira, e uma porção de livros com dedicatórias autógrafas, o que também é um detalhe importante. Do Machado, temos vários, como *Tu, só tu puro amor*, numa tiragem de 100 exemplares, numerados e assinados por ele. O primeiro exemplar que consegui, tinha dedicatória do Machado ao Furtado Coelho, que foi o principal ator da peça, como lembrança da noite de estréia. Imaginem que depois encontrei um outro exemplar, com dedicatória do Machado ao Joaquim Nabuco. Evidentemente, não pode ser considerado duplicata.

Pode parecer maluquice, mas a gente realmente se emociona quando encontra, por exemplo, livros de Raul Pompéia ou Gonçalves Dias, com dedicatória. *O Ateneu*, recebi de presente de Antonio Cândido, mas o de Gonçalves Dias, que comprei em Portugal, tem também uma história engraçada. Trata-se dos *Últimos Cantos* com uma dedicatória "A sua compatriota, esposa do Sr. João do Aboim, oferece-lhe (sic) A. Gonçalves Dias". Pois de repente encontro um livro do João Aboim – umas poesias extremamente mediocres, mas com um prefácio do Gonçalves Dias! E meu exemplar dos *Últimos Cantos* é dedicado à esposa do João do Aboim. Não é também um pouco suspeito? E a gente assim vai construindo romances...

Quando o Saramago esteve no Brasil, fizemos uma boa amizade, e temos por isso os livros dele com dedicatória. Assim como temos livros com dedicatórias do Erico Verissimo. A propósito, estivemos hoje com Mafalda Verissimo, e estávamos lembrando uma visita que, com o Mário Lima, eu havia feito ao Erico. Ela se lembrava até do lugar onde eu tinha sentado, na cadeira de balanço. Foi uma coisa emocionante, essa visita.

De manuscritos históricos, também temos alguns de certa importância. Da *Notícia do Brasil*, de Gabriel Soares de Souza, de 1587, que só foi publicado em 1825, conhecem-se talvez 20 manuscritos, do fim do século XVI e princípios do XVII. Eu encontrei em Nova Iorque um destes. Uma beleza de caligrafia, perfeitamente legível. O Gabriel Soares de Souza tem uma história interessante. Ele ia para Guerra da África, em 1560, o navio parou na Bahia, ele desceu, não voltou para bordo, e se tornou no tempo um dos maiores proprietários de terras da Bahia. Quase metade de Salvador ficou sendo dele. No testamento, ele deixou as propriedades todas ao Mosteiro de São Bento, com uma condição, de rezarem diariamente uma missa pela sua alma "enquanto o mundo durar". No quarto centenário da morte de Gabriel Soares de Souza, fui convidado pela Academia de Letras da Bahia para fazer uma palestra sobre ele, e eu disse aos ouvintes: "Vocês têm que verificar se o Mosteiro reza mesmo a missa, se não, vocês não precisam pagar o laudêmio". Também no testamento, ele indicou que deveria ser enterrado no Mosteiro de São Bento, e a lápide do túmulo deveria dizer que "aqui jaz um pecador", sem nome, sem data, sem nada. Todos falam que foi uma grande modéstia, mas eu digo: "Vejam que vaidade".

O LEITOR COMUM*

Acho que a pessoa que põe isso, parte da presunção de que todo mundo vai saber que é *ele* que está enterrado ali. O Varnhagen, aliás, também tinha uma grande vaidade, e muito autoritarismo, pois em seu testamento, não só proíbia a mulher de casar outra vez, como determinou todos os detalhes do monumento que deveria ser erigido das minas de ferro de Sorocaba.

A propósito de Varnhagen, gostaria de contar outra historinha, mas fiquem tranqüilos, pois estou quase no fim. Eu estava em Santiago, onde só uma livraria de livros raros figura nas Páginas Amarelas. Fui lá, e estava fechada. De tarde volto, havia uma porta de vidro, fui entrando, e o livreiro me parou, dizendo que "Estamos en vacaciones". Eu disse que "yo tambien", e fui entrando. Pergunto então se ele tinha alguma coisa sobre o Brasil. "Não, esta livraria é de literatura francesa e de arte." Mas eu, enquanto conversava, vi numa prateleira no alto, a *Gramática da Língua Guarany*, de Montoya. Aponte o livro, dizendo que era ligado ao Brasil. "Aquilo é o resto da biblioteca de um historiador brasileiro, que eu compreí anos atrás, um tal de Porto." "Porto Seguro?" "É". "Onde é que estão esses livros?" "Estão no depósito." "Não dá para ver?" "Não, estamos em férias." No final eu chorei as mágoas, dizendo que estava lá só por mais dois dias e acabei marcando a visita para o dia seguinte. Fui lá e saí com uma pilha de coisas do Varnhagen, um fragmento da *História do Brasil*, com uma porção de anotações do próprio Varnhagen que não estão nas edições posteriores. É um bocado de folhetos raros. Consegui assim uma porção de coisas nesse acaso de Santiago.

Finalmente, só mais um caso, de um manuscrito importante, uma relação do Padre Bernard de Nantes, um capuchinho que sucedeu ao Padre Martin de Nantes na Bahia, no século XVII. A única referência que existe a essa Relação do Padre Bernard está no livro do Padre Martin de Nantes, seu antecessor, que é, aliás, um dos livros franceses sobre o Brasil mais raros que existem. Ele diz no livro que o padre Bernard "dará conhecimento do que se passou na missão, até a volta dele, para a França". Esse manuscrito, no entanto, nunca foi visto, pois a única coisa que se conhece do padre Bernard de Nantes é um *Catecismo Kiriri*. Mas em 1964 estávamos em Paris, e lá encontramos o manuscrito dessa Relação, que esteve perdida 250 anos. É uma beleza, dando uma idéia da catequese ao vivo. Ele conta, por exemplo, que saiu um dia da Missão, foi para a aldeia dos índios, e estes começaram a ficar agitados. A muito custo ele consegue escapar e voltar para a missão. Daí uns dias, passa por lá o paulista Domingos Jorge Velho, a quem ele pede socorro, e Domingos Jorge Velho vai aos índios e diz: "Ou obedecem ao padre ou eu levo todo mundo escravo". Daí diz o padre: "E eles então espontaneamente se converteram à fé católica". Espontaneamente com "x". Dá para vocês imaginarem o sabor que se sente quando se vê uma coisa dessas.

Bem, meus caros, vamos ficar por aqui. Espero ter dado uma idéia da biblioteca, de como ela se formou, e de minha relação com os livros. Admiro e agradeço a paciência de vocês.

Achei ótima a idéia deste Simpósio, e aceitei com prazer o convite para falar neste painel, pois a leitura é uma parte importante de minha vida, e sempre que posso procuro inocular em outros o vírus do amor aos livros.

A relação com o livro tanto pode ser inata, como cultivada. Quanto mais cedo alguém se habitua à leitura, tanto melhor – assegura um prazer permanente na vida.

O chamado leitor comum, que foi colocado como tema da palestra, pode ter os mais variados interesses: romances, poesia, aventura, biografia, história, mistérios, fanfanchas de detetives, ou mesmo ciência, política, ensaios, o que seja.

Não vejo bem como se classificar o leitor de comum ou incomum. Prefiro pensar no leitor, simplesmente no leitor: aquele que sente vontade de ler. Para começar, qualquer tipo de livro, porque uma vez criado o hábito, o gosto se refina. O ideal mesmo é começar na infância, onde o hábito deve ser induzido, e não imposto. Pode até ser uma boa forma de indução a proibição da leitura de certos livros na infância, pois o livro proibido atrai desde logo – fica a sugestão... Mas o interesse pela leitura se desperta principalmente pelo exemplo e pela conversa sobre livros. Isso sem falar de um requisito básico, que é a presença dos livros numa casa. O que é fundamental para instilar o gosto pela leitura é que ela não seja uma obrigação, pois a maioria das pessoas – eu inclusive – reage às imposições.

Obviamente, é mais fácil promover a leitura na infância ou na juventude, do que na idade adulta. Hoje em dia, aliás, não é fácil de um modo geral, pois a televisão absorve a maior parte do tempo vago das pessoas. É uma pena, no entanto, que a televisão venha a substituir a leitura, pois a concentração no livro desperta muito mais a imaginação e a criatividade do que a imagem fugaz, que age mais como entorpecente do que como estimulante. É verdade que a televisão desperta ambições e desejos, mas o que eu quero dizer é que o inconveniente de ser um prato feito, que não exige esforço de criação ou análise, ao passo que um livro pode melhor desencadear um processo mental menos efêmero.

Se o livro, mesmo antes da televisão, atingia um número limitado de pessoas, o fato é bem mais preocupante em nossos dias, mas um esforço em favor da leitura ainda pode dar bons resultados.

Creio que a maior parte das pessoas gosta de imaginar situações ideais, e de se colocar nessas situações, que é justamente o que a leitura proporciona. Por isso mesmo, o prazer da leitura deve ser proclamado por todos os meios e modos, especialmente pela assim chamada mídia, que com isso pagaria boa parte de seus pecados.

O mercado editorial brasileiro hoje oferece a possibilidade de satisfação de todos os variados interesses que de início mencionei. As tingens ainda são restritas, e a distribuição precária, mas o número de edições não é pequeno, tanto de autores brasileiros, como de estrangeiros, que vêm sendo amplamente traduzidos. O que falta fazer, portanto, é difundir a idéia de que a leitura é uma fonte de prazer, não um encargo ou uma amolação.

Minha experiência pessoal, em matéria de leitura, é coisa de vida inteira. Comecei um pouco tarde, pois só aprendi a ler com sete anos já completos, mas procurei, e acho que consegui, recuperar o tempo perdido, pois nunca parei de ler. O que não consegui nunca, mas também não me importei muito com isso, foi estabelecer uma leitura metódica, um sistema organizado, com objetivos determinados. Não me lembro bem dos anos iniciais, mas tenho clara lembrança de que os livros de leitura exigidos no

* Palestra do Dr. José E. Mindlin no Simpósio "Usos da Leitura", promovido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 16-8-91.

curso primário e secundário, ou mesmo no curso de Direito, não foram os que mais me interessam. Foi sempre um leitor indisciplinado, achando que o livro foi feito para a gente, não a gente para o livro. Portanto, sempre me bastou, para pegar um livro, que ele me interessasse, sem me preocupar se era importante ou não. Com isso, naturalmente perdi muito tempo lendo coisas sem real interesse, de que nem sequer me lembro, mas não lamento isso, pois na hora certamente senti prazer, e consolidei o hábito da leitura. Aos poucos fui sendo mais seletivo, mas na realidade não consegui nunca acompanhar a opinião de Thomas Mann, de que a leitura dos bons livros devia ser proibida, porque existem os ótimos. Em primeiro lugar, porque o conceito do ótimo é muito relativo, e depois porque há muitas razões para se ler um livro, além de sua qualidade literária intrínseca. Há livros de atualidade, há autores desconhecidos, há temas que despertam interesse em dado momento, há livros que levam à leitura de outros, seja pelos assuntos, seja pelos personagens, ou pelas idéias.

É claro que há limites que não se consegue transpor. O principal é o tempo. Por mais que se leia, não se consegue ler tudo o que se deseja, e por isso mesmo uma certa seletividade se impõe. Mas cada um deve fazer sua própria seleção, ou, mesmo que siga alguma das numerosas listas de livros tidos como "os mais importantes", não deve se ater a critérios rígidos, nem se considerar culpado de grandes pecados por ocasionais desvios, passando de Machado de Assis para Asterix, ou de Shakespeare para Agatha Christie.

Não existem regras absolutas que seja imperativo obedecer. O mundo da leitura deve ser um mundo de liberdade intelectual.

Mas, mesmo assim, há livros que é pena não ler, e outros que não fazem a menor diferença. Não é à toa que os clássicos gregos e latinos chegaram até os nossos dias, e que os clássicos em geral tenham sua leitura recomendada. O que sempre procurei foi evitar os extremos – só ler os assim chamados clássicos isolaria o leitor da realidade em que vive, mas só ler os livros atuais, ignorando a herança do passado seria, a meu ver, ainda mais inconveniente.

As histórias da literatura, e a crítica literária, podem ajudar muito a bem orientar a leitura, mas sempre com a ressalva de que critérios bons para um leitor podem não servir para outro.

De menino, eu gostava de Júlio Verne, que até lia em voz alta para minha mãe, de quem retrospectivamente, depois disso, admirei muito a paciência. Confesso que pulei muitos trechos descritivos, que sempre achei cansativos, procurando ir mais diretamente aos fatos. Mas foi para mim uma leitura marcante até por volta dos doze anos. Antes disso liam-se os livros da Condessa de Segur, os contos de Grimm e Andersen, Monteiro Lobato, Juca e Chico, Bilac e Bomfim, *O Coniço* de Amicis, que também foram marcantes, além de tantos e tantos outros, alguns ainda lembrados, e outros esquecidos.

Sou do tempo da influência francesa, de modo que li muita coisa em francês antes de português, mas pelos 12 ou 13 anos, comecei a ler Herculano, a tradução de Eça das "Minas de Salomão", que depois li no original, e que foi minha primeira leitura em inglês. Ai não parei mais: Machado de Assis, Eça, o Ateneu, e poesia, muita poesia, naquela época, principalmente, que eu me lembro, Bilac, Vicente de Carvalho, e Lamartine.

Aos 13 anos entrei numa fase para mim decisiva, quando meu irmão Henrique e eu descobrimos Shakespeare, depois de ver *Sonho de Uma Noite de Verão* na versão cinematográfica de Max Reinhardt. Foi um deslumbramento, e uma leitura que se prolongou por anos e anos. Estou precisando, aliás, retomá-la. Mas ou menos na mesma época comecei a me interessar pela História do Brasil, o que marcou, aliás, o início da formação de minha biblioteca. Daí por diante as leituras foram intensas e variadas, mas eu diria que foi nos anos 30 que elas se revelaram mais produtivas e estimulantes, pois entrei na Faculdade de Direito em 1932, e com isso consegui 5 anos de um mínimo de 2 a 3 horas de leitura diária. Naquela época, os professores, em geral, liam du-

rante os 50 minutos de aula, as suas preleções, que eu lia em casa em 15. Daí eu me sentar no fundo da sala, e ficar lendo tranquilamente, o que foi uma oportunidade excepcional. Essa experiência de leitura diária repetiu-se nos anos 40 e 50, quando levava os filhos para a escola, deixava-os lá às 7,15h, encostava o carro embaixo de uma árvore, e ficava lendo até 8,45h. Mais tarde, como advogado, andava sempre com um livro, que lia durante os julgamentos no Tribunal de Justiça, ou nos enguiços de trânsito.

Na vida empresarial li muito no avião, e normalmente dou conta de 7 a 8 livros por mês em média. Gostaria é de viver 300 anos, o que me permitiria ler quase 30.000 livros – uma boa conta... Nesses períodos li muito em português, francês e inglês, teatro grego e latino, geralmente em tradução francesa, e viajei uma relação dum-doura com Camões – escapei do martírio da análise lógica do ginásio, e pude ler, e não propriamente estudar Camões. Valeu a pena. Mas os outros grandes clássicos, principalmente Milton, confesso que não li, e gostaria, aliás, de saber se alguém nesta sala já leu. Dante só li em parte, e um dia talvez leia integralmente, mas é pouco provável. É que não deu ainda vontade, e ler por obrigação, de modo geral eu não leio. Foi a grande afinidade que senti com Montaigne, nos *Ensaio* em geral, e especialmente no ensaio sobre livros, em que uma passagem me entusiasma: "as dificuldades, quando as encontro, não me preocupo demais. Abandono-as depois de uma ou duas tentativas, pois se insistisse perder-me-ia e o meu tempo; meu espírito é de compreensão imediata. O que não entendo desde logo, entendo menos me obstinando. Não faço nada sem alegria".

Também nos anos 30 li Romain Rolland, Gide e Anatole France, autores que saíram de moda, mas injustamente, principalmente Romain Rolland. De Anatole France, e Gide, aliás, alguns livros ainda se podem ler com prazer.

Nos anos 40 li pela primeira vez a obra de Proust, que a princípio reneguei, por achar complicada demais, mas que me esforcei por ler a conselho do Tristão de Athayde, e que depois reli várias vezes, com intervalos de dez anos – cada vez uma leitura diferente. Estou agora, aliás, em plena releitura.

Ai, então, dos anos 40 aos 60, as leituras se espraíram – Stendhal, Thomas Mann, Balzac, Dickens, as *Mil e Uma Noites*, Oscar Wilde, Rousseau, Voltaire, Tolstói, Dostoiévsky, os contos de La Fontaine, Molière, Racine, o *Dom Quixote* de Cervantes, o *Decameron* de Boccaccio, Bernard Shaw, e os nossos: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, o romance nordestino, a primeira fase de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Lins do Rego, Rachel de Queiroz, além de Alencar, dos *Sertões* e de *Casa Grande & Senzala*. É ainda poesia, muita poesia, que eu sempre gostei de ler em voz alta, com a sorte de minha mulher gostar de ouvir: Drummond, Bandeira, João Cabral, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Baudelaire, Verlaine, Keats, Byron, Shelley, Edgar Poe, Emily Dickinson – a lista é muito grande. Nos anos 50, devo destacar a leitura de Guimarães Rosa, porque, se em prosa temos muita coisa boa em nossa literatura, ele e Machado são a meu ver os maiores. Se por acaso alguém aqui presente ainda não leu um e outro, está perdendo um tempo precioso.

Sempre tive prevenção com os chamados *best-sellers* – li alguns, por exemplo, nos anos 40, como *O Vento Levou*, *Antony Adverse*, e outros, mas, de um modo geral, sempre preferi deixar que esses livros se sedimentassem, para só então enfrentar a leitura. É uma das poucas regras que adotei na vida, e em que faço muito poucas exceções.

Outra leitura importante dos anos 60 e 70 foi dos autores latino-americanos – Borges, Garcia Marquez, Vargas Llosa, Julio Cortázar e Octavio Paz, principalmente.

Também na década de 70 é que fui descobrir, com grande entusiasmo, dois autores que normalmente só são lidos na mocidade: Victor Hugo e Alexandre Dumas. Lembro-me de ter escandalizado um repórter quando assumi a Secretaria de Cultura, e disse que estava lendo *O Conde de Monte Cristo*, que ele achava subliteratura, o que é um absurdo. Foi um período delicioso: *Os Miseráveis*, *Os Três Mosqueteiros*, *Vinte Anos Depois*, etc., etc. Na década de 80, uma grande descoberta foi do *Memorial do*

Convento, e dos outros livros de José Sanmago. Li ao mesmo tempo *O Nome da Rosa*, mas o *Memorial* me entusiasmou muito mais. Também foi um ponto alto a obra de Pedro Nava, pois gosto muito de memórias.

E assim vai meu convívio com os livros. Falei só de leitura, e não falei de bibliofilia, pois isso me levaria muito longe, mas podemos falar sobre isso durante o nosso bate-papo, que espero que aconteça. Na realidade a bibliofilia vai muito além do prazer da leitura, pois o contato com o livro tem muitos outros fatores. De todo modo, leitura e formação de biblioteca creio que, no meu caso, são um interesse central de vida. Deixei de mencionar muitos autores e muitas obras, que li e saboreei, bem mais numerosos do que os que mencionei. E ainda falta ler muita coisa boa, o que, em última análise, é uma sorte, pois se fosse possível ter lido tudo, seria uma desgraça.

PRODUÇÃO LITERÁRIA DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS PORTUGUESES JORDÃO EMERENCIANO

O Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco pereniza o nome do mestre e lusófilo JORDÃO EMERENCIANO pela fundação da Associação de Estudos Portugueses - sob a sábia e firme orientação e autoria do Prof. José Rodrigues de Paiva publicaram-se: Estudos Portugueses; As surpresas do mágico; O espaço-limite no romance de Vergílio Ferreira; Vozes da Infância; Reflexos do Signos e A anti-poesia de Alberto Caeiro (autoria de Luzilá Gonçalves Ferreira, patrocinada pela Fundação Cultural Brasil-Portugal). As edições foram realizadas graças ao Gabinete Português de Leitura. As obras oferecidas pela Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano encontram-se na Biblioteca Central Irmão José Otão.

AGENDA PUCRS

Boletim Informativo interno da PUCRS - Bimestral

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - Mensal

PUCRS - INFORMAÇÃO

Boletim Informativo - Bimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa - Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins,
Órgão de comunicação do Instituto de Teologia - Trimestral

VERITAS

Revista de Filosofia e Ciências Humanas - Trimestral

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas - Semestral

BRASIL/BRAZIL

Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada
Editada pela PUCRS, Brown University e Editora Mercado Aberto - Semestral

BIOCIÊNCIAS

Editada pelo Instituto de Biociências - Semestral

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - Semestral

ODONTOCIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia - Semestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia - Semestral

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Anual

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito - Sem Periodicidade

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre História e a Literatura Ibero-Americana,
do Curso de Pós-Graduação em História - Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria -
Sem Periodicidade